

# 7.

## Microestado CAPACETE (Villa)ge II

### Entre o pátio e a cachoeira

Teresa Riccardi

#### I.

Uma machadada. Se escutava da rede na qual eu estava deitada. O japonês preparava o almoço e seu filho Haru jogava pingue-pongue com Oto e Nina. Haru, que tinha dormido na barraca na noite anterior, tinha sido devorado pelos mosquitos, porém nada parecia lhe tirar o foco, nem mesmo a coceira constante. Enquanto faíscas saltavam da lenha queimando no pequeno forno, uma outra machadada fez cair uma folha de bananeira. Grande, arredondada e pesada, a folha que ainda mantinha suas propriedades logo seria submetida ao calor extremo do fogo, para que possamos comer esses cogumelos deliciosos envolvidos por seu aroma. Nós, H e xs paulistas, os devoraríamos, porque o japonês se negava a comer algo que possui um reino próprio, nem animal nem vegetal.



Sob nuvens profusas que nos davam trégua do sol inabalável daqueles dias, esperávamos famintos o alimento. Uns ovos de galinha caipira acompanhavam a salada de folhas verdes e frutas que tínhamos colhido ali para fazer uma bebida. Pegamos mangas, melancias, limões e umas laranjas-limão indefinidas, um pouco cítricas, suaves porém doces. Uma fruta travestida, que tinha se tornado outra em sua linguagem sensória. A bebida preparada com esta fruta, com um pouco de melaço e cachaça, me recorda uma própria decadência carioca. Nunca entendi porque esse momento me lembrou o filme *O Pântano* de Martel. Talvez pelas conversas com xs paulistas que tinham chegado no dia anterior, fartos de São Paulo. Já fazia pelo menos uma década que elxs escolhiam um pouco de vida imprópria no Rio de Janeiro, e suas conversas me transportavam até um cenário familiar, um *glam decadente* entre Salta e Lídice, que a rede, o barulho constante da cachoeira e a bebida conseguiam montar rapidamente. As cadeiras, as espreguiçadeiras e este resto de casa em ruínas conseguiam armar o que faltava, porque pelo menos eu não tinha os binóculos da Graciela Borges.

## II.

H me descreve o lugar, os caminhos escravos que ainda hoje demandam a decolonialidade por existirem realmente, seus hectares entre rios, mares e terra, sxxs vizinhxs desconhecidxs, seus projetos com o CAPACETE e como chegou aqui cinco anos atrás em busca da cachoeira perfeita. Serena, eu continuava na rede, ele havia se sentado sobre a mesa perto do forno da cozinha, cercada de mato. Era uma cozinha sem teto. A planta desenhada pelo piso de concreto e mosaico, que uma vez já foi limite, perdia suas bordas zonais pelo avanço da própria selva. O cimento ostentava a história de um assalto planejado no qual, certa noite, uma comunidade de artistxs e de recrutadx no meio da floresta o destruíram, a pedido de seu dono. A convocatória havia sido tão contundente quanto a devastação. Com esse ritual, H. refundava mais uma vez sua própria identidade e a nova comuna. Desta vez, não se tratava de uma piscina quadrangular, agora se tratava de uma cachoeira fria, perfeitamente devorada por um sulco ancestral, onde aqueles que chegavam deviam pelo menos plantar uma árvore para poder conversar com certa intimidade e familiaridade com o sujeito em questão.

Ele não disse, mas Lídice é um ecossistema integrado al Microestado CAPACETE<sup>1</sup> (Villa)ge, e o que é certo é que o segredo se

espalha nas quartas e, mesmo que em *Lídice* não aconteça a maioria das atividades oferecidas pelo programa, definitivamente lá se respira a micropolítica do outro. Daquele que vive de forma saudável há mais de vinte anos, que se encarrega da seleção de dez a quinze participantes internacionais e regionais para um programa anual de vários meses, entre março e dezembro no Rio de Janeiro, ou daquele que viaja para Atenas a fim de oferecer uma leitura latino-americana do que foi a experiência descentralizada da Documenta de Kassel<sup>2</sup>. Também é o CAPACETE que imagina, nas suas convocatórias, canoas, barcas e corpos dissidentes para este ano, com a alternância das residências, ou o programa contínuo, ou mais recentemente, o pequeno laboratório para crianças. Insisto que *célibes quartas*<sup>3</sup> seria um bom título.

### III.

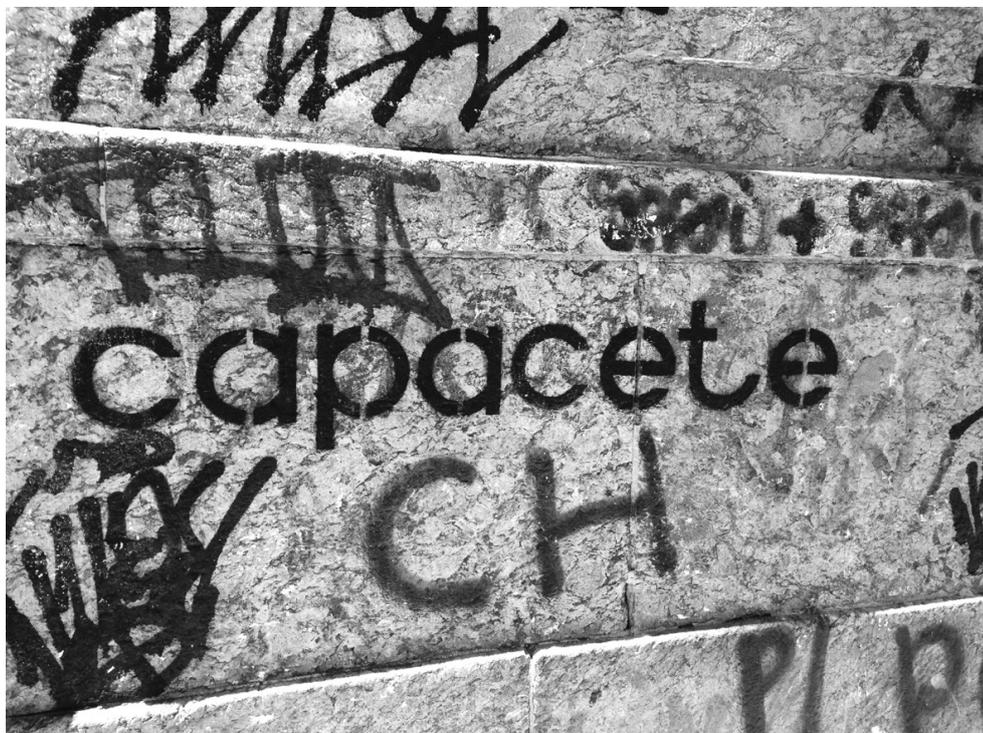
N. grava sons e Oto está na dúvida se entra ou não na cachoeira. O pingue-pongue se transformou em um torneio, tem medalhas para todos. Uma mariposa se camufla. Tem olhos em suas asas e quando as fecha se torna uma folha, tem recursos, precisa sobreviver. Acontece o mesmo com o CAPACETE. Acontece o mesmo com o Brasil. A política é associada pela imprensa à crise moral, à violência e à corrupção. Leio uma entrevista no telefone:

“Quando o Brasil se fodeu? Em 1500, quando chegaram os portugueses”. A ironia de um dos jornalistas brasileiros mais respeitados poderia ser da autoria de milhões de seus compatriotas. É uma sensação muito difundida, como se algo tivesse fracassado desde o início, como se seus problemas estivessem tão enraizados na história que dificilmente encontrarão uma solução.<sup>4</sup>

Sem me estender no assunto, me deixa um pouco confusa o fato do texto jogar espontaneamente a culpa no outro. Recorro a Walter Mignolo para refletir sobre isso. Se o autor nos informa que a modernidade coloniza e que o trabalho a se fazer em relação a um cosmopolitismo decolonial seria associar organizações e indivíduos ativistas dessa luta por um pensamento emancipatório e heterogêneo, então dizer que a culpa é do outro não basta. Realçar as dependências<sup>5</sup> mediante a ironia e o sentido comum, e não a partir de um pensamento sensibilidade-fazer fronteira, não apresenta um bom cenário de luta, é operar como um cronista informador, é falar sem desocidentalizar ou decolonizar. Assim, apesar da ironia ser um tipo de afetividade

compartilhada da subjetividade moderna, ela oculta com seu sorriso uma fatalidade resignada que não acha uma saída, mas uma forma de enfatizar sua persistência através da língua e do corpo. Em todo caso, voltando a Walter, a resposta se apresenta em um território em comunicação com uma epistemologia fronteira, uma epistemologia de *anthropos* que não quer se submeter à *humanitas*, ao mesmo tempo que não consegue evitá-la<sup>6</sup>. Trata-se de perceber e fugir da “patriz” para construir outras matrizes, desconstruir aquelas que a linguagem carrega, refazer e despir. Reconhecer o passado para falar e atuar no presente. Essencializar-se ou falar sobre gênesis parece ser o plano, então procuremos o discurso do imigrante, do índio. Eu me pergunto, de qual Brasil falam? Daquele que falam os guaranis, os awás, os yanomamis e os não contatados como os kawahivas?<sup>7</sup> Ou falam daquele de cidades coloniais modernas, que tiram proveito da liberação da mineração em reservas florestais nos estados do Pará e do Amapá?<sup>8</sup>

O CAPACETE opera neste corpo político de saberes liminares, é um microestado, uma vila na geopolítica moderna que identifica e difunde políticas de visibilidade no Rio de Janeiro, mas também é uma alternativa contemporânea no pensamento sensível consciente



da atuação da “patriz” colonial. Se trabalhar e conviver constitui uma forma de resistência física, performativa e repleta de desacordos, é na prática do intercâmbio que surgem estratégias emancipatórias, que as dissidências fronteiriças procuram o seu caminho.

Olho em direção ao céu, a mariposa havia pousado na rede exibindo seus olhos, enquanto ouço Oto se jogar no rio e tomar banho de cachoeira.

#### IV.

Há alguns anos, quando comecei o projeto da agência AAS<sup>9</sup>, a literatura argentina voltava a entrar em jogo no meu projeto curatorial. Uma ideia do Cortázar começava a andar na minha cabeça. Em *Geografias*, um conto relevante – porque estamos em Lídice, lendo na rede –, o autor apresenta uma formiga-rainha em fuga. Agora, essa ideia invertida da *antropofuga* era minha. Diferente da antropofagia, já tão definida e explorada em diversas exposições, o antropofugismo trazia obviamente qualidades escapistas. Ao lê-lo, uma invenção de ameaça distópica da natureza habitava um jardim da rua Laprida, 628. Uma ficção de rios, sarjetas e esgotos que mostram deliberadamente a impossibilidade de sonhar o trópico, preferem destacar um pátio. Olho para a direita e volto ao pátio destruído no meio do mato. Essa imensidão de terra ancestral com um pátio me lembra que a ficção também é um veículo para o CAPACETE. Existe algo que reside no solo e no sonho. Uma fuga do horizonte, (in)finita, corpos antropológicos que traduzem práticas. Revivo esse espaço liminar, entre a antropofagia e a antropofuga, em uma imagem. Eu havia feito exposições tentando englobar este tema, mas aqui, de repente, tudo parecia fazer sentido.

Me levanto, já ouço os sapos coaxarem. H está fazendo uma caipirinha para ele, enquanto o japonês e xs paulistas descansam, N brinca com a Nina, Haru e Oto estão na barraca e está anoitecendo. Falamos pouco, estamos próximos, e distantes da Glória. Amanhã vamos para o Rio. Ainda nos resta conversar sobre CAPACETE vinte anos. Certamente não o faremos, deixaremos isso para a última hora.

Todas as imagens são da autora.



## Notas

1. Atualmente, o CAPACETE está organizado sob a direção geral de Helmut Batista, a direção artística de Camilla Rocha Campos, e a direção de produção de Valdinar Fernandes Rocha. Seu conselho executivo é composto por Márcio e Mara Fainziliber, Daniel Steegmann Mangrané, Genny Nissenbaum, Fabio Swarcwald e Esther Schipper e a junto consultiva por Marcelo Mesquita, Sabina Matz, Esther Schipper, Ronaldo Lemos, Krist Gruijthuijsen, Frances Reynolds e Arto Lindsay. (Certamente têm mais outros, sempre tem).
2. O diretor artístico Adam Symczyk da Documenta de Kassel 14, celebrada em 2017, propôs uma estrutura dual para a exposição, sob o título "*Learning from Athens*" [Aprendendo de Atenas]. A cidade de Kassel e a capital grega Atenas foram ambas sedes da Documenta. Kassel assumiu assim um papel histórico descentralizado com a outra cidade como hóspede. Nesse quadro, o CAPACETE voltou a apresentar um sistema

descolonizado, analisando textos sobre a América Latina e seus reposicionamentos geopolíticos atuais no contexto da Documenta.

3. *Quarta*, o programa contínuo, deveria propor o adendo: por que todos os dias não são quartas? Por que ficar com um dia só quando se tem tantos para escolher? Ao que poderíamos responder: porque os processos performativos só *momentaneamente* se podem parar e se construir para outro em função de poder compartilhá-lo.

4. Ver <[https://elpais.com/internacional/2018/04/07/america/1523127625\\_584461.html](https://elpais.com/internacional/2018/04/07/america/1523127625_584461.html)> Acesso em 24 de junho de 2018.

5. Nas palavras de Mignolo “A teoria da dependência, na América hispânica e lusa, assim como no pensamento caribenho sobre a descolonização do Grupo Novo Mundo, surgiu no clima geral da Conferência de Bandung e com a invenção do Terceiro Mundo. O Terceiro Mundo não foi inventado pelos habitantes do Terceiro Mundo, mas por homens e instituições, línguas e categorias do Primeiro Mundo. A teoria da dependência chegou como uma resposta ao fato de que o mito do desenvolvimento e a modernização ocultava que os países do Terceiro Mundo não podiam se desenvolver ou se modernizar enquanto impérios.” Ver <<http://eipcp.net/transversal/0112/mignolo/es>> Acesso em 24 de junho de 2018.

6. Op. cit. MIGNOLO, Walter.

7. Atualmente, a demarcação das terras indígenas no Brasil é lenta. No total, 64,5% dos territórios ainda aguardam o resultado dos processos, 836 processos referentes a 1296 áreas indígenas estão em aberto. Esses dados são do relatório anual publicado pelo CIMI (Conselho Indigenista Missionário).

8. Ver <<http://www.telam.com.ar/notas/201708/199057-brasil-temer-decreta-fin-reserva-amazonica-tamano-suiza-mineria.html>> Acesso em 24 junho 2018.

9. Ver <<http://curatorsintl.org/intensive/proposal/subtropicalismos-narrativos>> Acesso em agosto, 2018.

